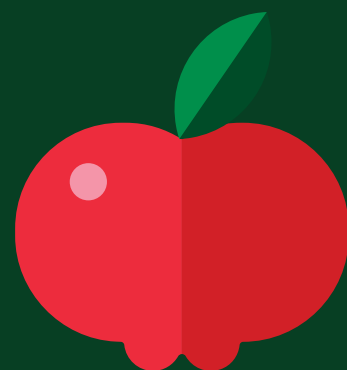
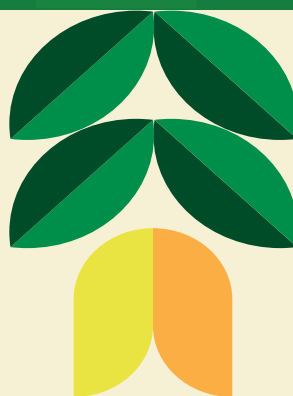
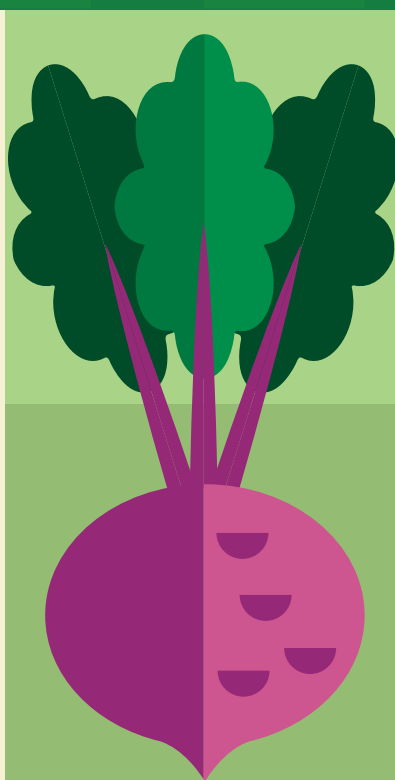
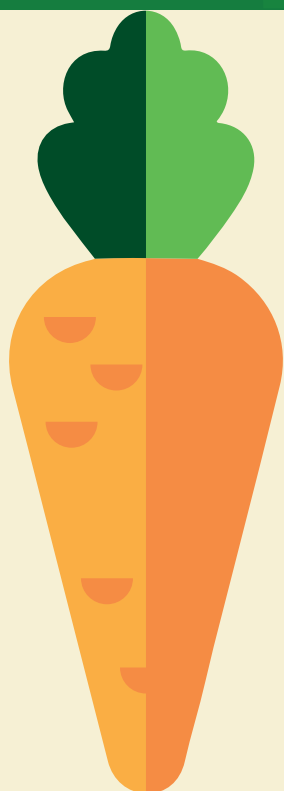


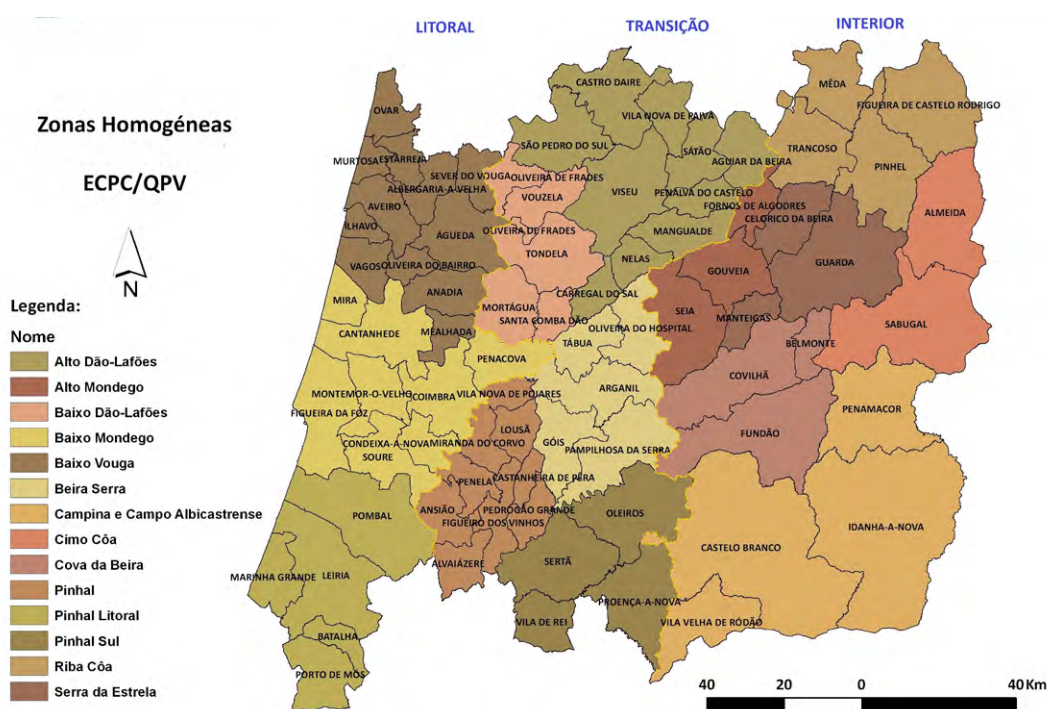
Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola



NOTA PRÉVIA

O relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas (ECPC) está integrado na operação “Estatísticas da Produção Vegetal”, sob a coordenação do Instituto Nacional de Estatística (INE). Recolhe e processa informação de carácter previsional relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas distribuídas pelas 14 Zonas Homogéneas da região Centro agregadas em 3 grandes zonas: Litoral (Baixo Vouga, Baixo Mondego e Pinhal Litoral), Transição (Alto Dão Lafões, Baixo Dão Lafões, Pinhal, Beira Serra, Alto Mondego e Pinhal Sul) e Interior (Serra da Estrela, Riba Cõa, Cimo Cõa, Cova da Beira e Campina e Campo Albicastrense).



A informação descritiva e quantitativa é recolhida para os principais grupos de culturas, nomeadamente, cereais de pragana, cereais de primavera/verão, batata, leguminosas secas, culturas industriais, frutos frescos, citrinos, frutos secos, vinha, olival.

O ECPC constitui uma das fontes privilegiadas para o estabelecimento da informação das estatísticas oficiais da produção vegetal, base para índices de volume das Contas Económicas da Agricultura, assim como sustenta o acompanhamento e monitorização da situação de seca no âmbito da Comissão Permanente de Prevenção, Monitorização e Acompanhamento dos Efeitos da Seca.

Os relatórios mensais são enviados ao INE (entidade coordenadora) e Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP), e publicados no portal da CCDR Centro.

O Instituto Nacional de Estatística (INE) sistematiza e disponibiliza a informação recolhida a nível nacional publicando o Boletim Mensal de Agricultura e Pescas e um destaque para a comunicação social.

ÍNDICE

1 . Estado do tempo e sua influência na agricultura.	4
2 . Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal	8
3 . Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior	10
4-d . Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira Outono-Inverno	14
5-f . Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, pomares de citrinos e olivais: estado vegetativo, floração e vingamento do fruto; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade	15
6-c . Sementeira de Primavera nomeadamente quanto às culturas de milho de regadio e feijão como decorreram, como germinaram: variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior, motivos da variação caso se tenha verificado. Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio, disponibilidade de água para rega	24



1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, junho foi um mês com tempo estável e quente, com a temperatura média máxima de 26,2.°C e temperatura média mínima de 14,9.°C, registando-se temperaturas médias de 20,4. °C. A precipitação foi escassa, com episódio de trovoadas e granizo, num total de 2,2 mm acumulada na zona de Anadia, ocorrendo alguma nebulosidade matinal e as típicas orvalhadas da época. Contudo a Primavera trouxe os dias mais luminosos e com temperaturas mais elevadas, que proporcionaram aos prados, pastagens e culturas forrageiras uma boa recuperação nos seus ciclos vegetativos, estando de uma maneira geral com desenvolvimento satisfatório, assim como a camada arável dos solos ainda mantém a humidade necessária ao sistema radicular das culturas em geral, com o lençol freático situado a um nível normal.

Na zona homogénea do Baixo Mondego, o mês de junho caracterizou-se por ser seco e quente, tendo-se atingido uma temperatura máxima diurna de 38,0.°C, bastante elevada para esta época do ano. Já as temperaturas noturnas variaram entre amenas a frescas. Ocorreram alguns dias de neblina matinal. As condições meteorológicas têm permitido um bom desenvolvimento vegetativo das culturas, devido ao calor sentido, bem como, alguma humidade do solo resultante das noites mais frescas. Verificou-se uma preocupação dos agricultores, em assegurar a rega para manter o bom desenvolvimento das culturas. Foi possível terminar as sementeiras de primavera.

No Pinhal Litoral, durante o presente mês, a zona homogénea apresentou condições meteorológicas caracterizadas por temperaturas geralmente

amenas durante a primeira dezena do mês e por um episódio de calor intenso entre os dias 11 e 13 de junho. Neste período, as temperaturas máximas ultrapassaram os 35.°C nas estações do interior, enquanto as zonas mais próximas da costa registaram valores ligeiramente inferiores devido à influência marítima. As temperaturas máximas médias oscilaram entre cerca de 25,5.°C e 29,4. °C. As temperaturas mínimas médias situaram-se entre 14,1.°C e 15,0.°C, proporcionando noites relativamente frescas. A humidade relativa média do ar foi mais elevada nas estações costeiras (74-78%), diminuindo para cerca de 64% nas zonas do interior, evidenciando um gradiente de influência oceânica. Do ponto de vista agrícola, as condições meteorológicas favoreceram o desenvolvimento das culturas de primavera-verão, embora o episódio de temperaturas elevadas tenha provocado um aumento da evapotranspiração e das necessidades hídricas das culturas. Nas parcelas de milho, hortícolas e pomares em fase de crescimento ativo, tornou-se essencial assegurar uma gestão adequada da rega para evitar situações de défice hídrico e reduzir o risco de stress térmico. Nas culturas de sequeiro, como os cereais de outono -inverno, o calor acelerou a maturação e o enchimento do grão, antecipando a aproximação da época de colheita. Em pastagens e forragens verificou-se uma redução do crescimento vegetativo, particularmente nas áreas mais interiores, devido à diminuição da disponibilidade de água no solo. As condições de humidade relativamente elevadas durante a noite e nas primeiras horas da manhã continuaram a justificar a vigilância fitossanitária em culturas sensíveis ao desenvolvimento de doenças fúngicas, embora o predomínio de tempo seco e o aumento das temperaturas durante o dia tenham contribuído para limitar a sua evolução.

Nas zonas de transição, no Pinhal, no primeiro terço do mês, as temperaturas foram amenas (entre os 10-25.ºC). A partir desse período, as temperaturas foram aumentando, com temperaturas máximas bastante superiores aos 30.ºC, tendo inclusive havido ondas de calor nalgumas zonas. Associado a estas temperaturas altas, ocorreram trovoadas localizadas, associadas a escassa precipitação (no último terço do mês). Nota para alguma nebulosidade, mesmo em dias de calor intenso. As culturas mais suscetíveis ao stress hídrico ou térmico, exigiram um acompanhamento rigoroso, com rega mais regular e nos casos aplicáveis, tomada de medidas para reduzir o risco de escaldão. As atividades culturais nesta fase, passam sobretudo pela rega, tratamentos fitossanitários, corte de erva em zonas de risco de incêndio, operações culturais na vinha e manutenção/plantação de horticolas. No olival, a cultura encontra-se no estado fenológico de frutos em crescimento. Verificou-se a queda fisiológica de fruto (habitual neste período) mais acentuada pelas condições climáticas do mês. Mantém-se a perspetiva de uma boa produção para esta campanha, ainda que inferior à do ano anterior (estamos em ano de contra-safra), que foi de exceção. Na vinha, a cultura aproxima-se do fecho do cacho. Tem sido uma campanha exigente no combate fitossanitário, com focos de doenças (míldio, oídio, black-rot). De referir ainda que se aproxima a fase crítica em que a podridão-cinzenta se pode manifestar. Os viticultores vão realizando algumas operações, nomeadamente a despona das vides e o desnetamento, sempre com razoabilidade, de modo a não deixar os cachos demasiado expostos ao escaldão. A quantidade de cachos traz otimismo aos viticultores, ainda que as questões fitossanitárias criem sempre incerteza na quantidade e qualidade da produção. Os cortes para feno estão praticamente realizados.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o tempo em junho esteve bastante instável; com alguns dias chuvosos, trovoadas, por vezes com granizo e/ou chuvadas intensas, alternados com dias secos e ventosos, e oscilações térmicas diárias por vezes superiores a 10.ºC.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o mês de junho iniciou-se com temperaturas amenas, precipitação reduzida e alguma nebulosidade matinal. As temperaturas mínimas oscilaram, de um modo geral, entre os 12.ºC e os 15.ºC, enquanto as máximas variaram entre os

22.ºC e os 26.ºC. A partir da segunda semana verificou-se um aumento significativo da temperatura, com valores máximos superiores a 30.ºC. Durante este período ocorreram episódios pontuais de trovada e precipitação, embora de fraca intensidade. No geral, as condições meteorológicas foram favoráveis ao desenvolvimento das culturas. Contudo, as temperaturas elevadas registadas na segunda metade do mês aumentaram as necessidades de rega, aceleraram a secagem das pastagens e intensificaram o risco de stress hídrico. Estas condições favorecem a proliferação de pragas e doenças, exigindo um aumento da monitorização e do controlo fitossanitário.



No Pinhal Sul, o estado do tempo caracterizou-se por temperaturas médias máximas e mínimas elevadas. A precipitação ocorreu apenas em poucos dias a meados do mês, tendo sido reduzida. Estas condições meteorológicas refletem-se no aspeto amarelecido e seco da paisagem, não permitindo um desenvolvimento significativo das culturas e das pastagens de sequeiro (figura 1).



Fig. 1 - Campos com aspeto seco.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as temperaturas atingiram valores muito altos, e ocorreram episódios de trovoadas. Este estado de tempo não beneficiou o desenvolvimento da maioria das culturas, devido ao calor excessivo, tendo algumas sofrido o denominado “escaldão”, e outras também devido ao granizo que se abateu sobre algumas zonas.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, o mês de junho caracterizou-se por apresentar no geral, temperaturas médias superiores em cerca de 0,79.°C na Cova da Beira e idênticas na Serra da Estrela, que em igual período de 2025. Por outro lado, os valores de precipitação foram superiores em 2026 em 2,8 mm/m² e 57,9 mm/m², respetivamente na Serra da Estrela e na Cova da Beira. A diminuição da precipitação e a subida da temperatura, com registos da temperatura máxima média de 31,4.°C e 32,4.°C na Serra da Estrela e na Cova da Beira, respetivamente, originaram a rápida secagem dos fenos, das pastagens de sequeiro (figura 2), assim como, trouxeram alguns problemas de queda de azeitona no início do seu desenvolvimento.



Fig. 2 – Vista de campo – Freguesia de Prados (Serra da Estrela).

Na Campina e Campo Albicastrense, o mês decorreu com temperaturas superiores e precipitação inferior (entre 2 e 14,8 mm) comparativamente a igual período do ano anterior. As condições meteorológicas verificadas permitiram o desenvolvimento regular das culturas instaladas, bem como a execução normal das tarefas agrícolas, nomeadamente as colheitas e sementeiras da presente época.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de junho em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de junho.

2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

De um modo geral não foram registados problemas fitossanitários significativos ao longo do mês, sendo exceção os seguintes casos:

- Na zona homogénea do Baixo Mondego (**zona do litoral**), verificaram-se problemas fitossanitários na cultura do arroz com a presença de infestantes como a milhã e na cultura do milho com a presença de milhã, lagarta-do-cartucho e junça.
- No Pinhal Litoral (**zona do litoral**), verificou-se uma baixa incidência de míldio na vinha, verificando-se apenas focos pontuais da doença. Em contrapartida, observou-se uma pressão elevada de oídio, favorecida pela descida das temperaturas e pela ocorrência de manhãs húmidas e nebulosas, mantendo-se a vinha suscetível até ao estágio fenológico do pintor. O black-rot apresentou uma incidência reduzida e localizada, enquanto a podridão cinzenta continuou a representar um risco significativo, sobretudo nas castas de cacho compacto. Na macieira e pereira, o pedrado encontrava-se fortemente instalado, principalmente em pomares que não beneficiaram de tratamentos fitossanitários, verificando-se igualmente um aumento da atividade do bichado da fruta e da população de aranhão-vermelho. Nos citrinos, registou-se a presença de colónias de afídeos na rebentação jovem, favorecidas pelas condições meteorológicas.
- No Pinhal (**zona de transição**), alguns olivicultores têm protegido a sua cultura da mosca-da-azeitona. Na vinha tem sido uma campanha exigente no combate fitossanitário, com focos de doenças (míldio, oídio, black-rot). Nas zonas onde se registou precipitação, reuniram-se condições à disseminação de míldio. Também o oídio reuniu pontualmente condições para se propagar, atendendo ao tempo quente associado a períodos de nebulosidade matinal. De referir ainda que se aproxima a fase crítica em que a podridão-cinzenta se pode manifestar. Em geral, as vinhas vão estando bem protegidas já que os agricultores estão bem identificados para a temática da fitossanidade nesta cultura.
- Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra (**zona de transição**), dada a instabilidade do tempo foi necessário realizar pelo menos 2 tratamentos na vinha (míldio, oídio e escoriose), o mesmo no olival (olho-de-pavão) e os tratamentos já tradicionais nos pomares. Mantem-se uma área considerável de olival não tratado na região do Alto Mondego.
- Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa (**zona de interior**), devido à instabilidade atmosférica, fazem-se com alguma intensidade tratamentos, principalmente na vinha, pomóideas e prunóideas, nomeadamente contra o míldio e oídio.
- Na campina e Campo Albicastrense (**zona de interior**), à exceção da variedade de amêndoa *Soleta* que tem apresentado problemas fúngicos os quais estão a levar ao arranque de áreas de amêndoa da referida variedade, não tendo sido detetadas outras situações anómalas em termos fitossanitários.



Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de junho para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDR Centro, foram:

Batateira (solanáceas) - sarna-comum-da-batata; traça-da-batata.

Citrinos - afídeos.

Olival - cochonilha-algodão; mosca-da-azeitona; traça-da-oliveira (*Prays oleae*); algodão-da-oliveira (*Euphyllura olivina*).

Pequenos frutos (mirtilo) - práticas culturais de modo a reforçar a estratégia de Proteção Integrada contra a mosca-da-asa-manchada (*Drosophila suzukii*).

Pomóideas (macieiras, pereiras) - pedrado; bichado da fruta (*Cydia pomonella*); Cochonilha-de-São-José; afídeos verde e cinzento; aranhão-vermelho; psila-da-pereira; oídio-da-macieira.

Prunóideas (pessegueiro/cerejeira/outras)
- **pessegueiros** - anársia (*Anarsia lineatella*);

mosca-do-Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*); **cerejeiras** - mosca-da-asa-manchada (*Drosophila suzukii*) e mosca-da-cereja (*Rhagoletis cerasi*).

Vinha - mildio; oídio (*Erysiphe necator*); podridão-negra (*Black-rot*); podridão-cinzenta; traça-da-uva; cicadelídeos ou cigarrinha-verde; doenças do lenho; medidas culturais - poda em verde.

Recomendações de actuação para a forte precipitação que ocorreu dia 15 de junho, nas localidades de Pinhel e Pala - Foram observados alguns danos na folhas e bagos, que podem levar a infeções por agentes patogénicos que penetram através das feridas. Deve-se adicionar adubo foliar rico em cálcio à calda do tratamento, com o objetivo de cicatrizar os tecidos e protegendo as feridas contra os fungos.

Ocorrência de granizo - recomendações de actuação.

Altas temperaturas - escaldão - recomendações de actuação.



3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a humidade que ainda se mantém no solo associada a temperaturas médias baixas e/ou amenas, promoveu um bom crescimento das pastagens de sequeiro, assim como, dos prados e pastagens permanentes espontâneas permitindo o pastoreio direto e diminuição dos custos de produção. Terminou a colheita das culturas forrageiras de outono-inverno, com produções inferiores ao ano anterior em quantidade, mas com a mesma qualidade, dando início à sementeira do milho de sequeiro numa área idêntica ao do ano anterior. Nas espécies pecuárias, recorre-se em grande parte, ao pastoreio direto para a sua alimentação, complementada com fenos e palhas (cerca de menos 20% que em igual período do ano anterior).

No Baixo Mondego, estas culturas apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, proveniente das temperaturas diurnas quentes e de alguma humidade noturna. O milho forrageiro apresenta-se muito desenvolvido e bastante denso, podendo originar boas produções. Têm decorrido os cortes e as fenações destas culturas para alimentação animal, nomeadamente dos prados e culturas forrageiras. A alimentação do efetivo pecuário, continua a ser predominantemente de forrageiras em verde ou fenadas, palha, silagem de milho e algum arraçoamento. Tem decorrido com normalidade o pastoreio direto. O abeberamento de todos os animais permanece sem qualquer limitação.

No Pinhal Litoral, durante o mês de junho, as condições edafoclimáticas verificadas conduziram à diminuição da atividade vegetativa das pastagens de sequeiro. O aumento gradual das temperaturas

e a reduzida ocorrência de precipitação favoreceram a senescência das espécies pratenses anuais, traduzindo-se numa diminuição da disponibilidade de matéria verde e da qualidade nutritiva da forragem disponível para pastoreio. Em contraste, os prados de regadio mantiveram um desenvolvimento vegetativo satisfatório, beneficiando da disponibilidade de água para rega, o que permitiu assegurar uma produção regular de biomassa forrageira. As culturas forrageiras anuais, designadamente o milho destinado à silagem e o sorgo, encontravam-se em bom estado de desenvolvimento, apresentando um crescimento compatível com a época do ano e sem limitações relevantes ao seu potencial produtivo. A redução da oferta de pastagem natural levou a uma diminuição do contributo da forragem verde na alimentação dos efetivos pecuários, particularmente nas explorações em regime extensivo. Consequentemente, registou-se um aumento da utilização de alimentos conservados, nomeadamente fenos e silagens, de forma a assegurar o equilíbrio nutricional dos animais. Nas explorações de produção intensiva, manteve-se igualmente o recurso a alimentos concentrados (rações industriais), utilizados como complemento da dieta para satisfazer as exigências produtivas dos efetivos. Comparativamente com o mesmo período do ano anterior, verificou-se uma utilização mais precoce de fenos e silagens, consequência da redução antecipada da produção das pastagens de sequeiro. No entanto, as reservas forrageiras existentes permitiram garantir, de forma geral, condições adequadas de alimentação para as diferentes espécies pecuárias, não se tendo registado limitações significativas ao normal funcionamento das explorações. O estado vegetativo dos prados de regadio e das culturas forrageiras contribuiu igualmente para minimizar os efeitos da redução da disponibilidade de pastagem natural, assegurando o abastecimento de alimento volumoso durante o período em análise.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o calor excessivo do mês anterior fez acelerar o ciclo da cultura e precipitar a maturação, comprometendo a qualidade. Os cortes para feno e ensilagem (menos comum na zona) já foram realizados.

O pastoreio extensivo ainda vai sendo possível, mesmo com reduzida produção vegetal. A chuva nos últimos dias do mês poderá trazer alguma produção de matéria verde para julho.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, dado o teor de humidade nos solos e as temperaturas diárias amenas a quentes, os pastos e pastagens vigoraram, especialmente as que fazem uma boa gestão de pastoreio. Já as forrageiras em fase de colheita, e com boas produtividades à partida, tiveram bastante dificuldade em serem cortadas e armazenadas em boas condições de conservação. Não houve aumento de consumo de alimentos concentrados e conservados, dada a disponibilidade de erva em pastoreio.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as condições meteorológicas verificadas no mês anterior, proporcionaram um crescimento vegetativo intenso destas culturas, pelo que o coberto vegetal recuperou algum crescimento. Os prados de regadio mantiveram bom estado vegetativo durante praticamente todo o mês. As pastagens de sequeiro, ao invés, diminuíram o seu desenvolvimento vegetativo, no entanto, sem comprometer a alimentação dos animais em regime extensivo. As forragens de outono-inverno já estão em corte e enfardamento, com início, essencialmente, na segunda quinzena do mês. Verificou-se maior disponibilidade e qualidade de forragem verde, melhorando o pastoreio direto e reduzindo parcialmente a necessidade de suplemento alimentar face ao mesmo período do ano anterior.

No Pinhal Sul, os fenos já foram cortados e enfardados, verificando-se produções significativamente inferiores ao habitual. Para além das condições climáticas adversas

registadas durante a campanha, importa destacar os prejuízos causados pelos javalis, cuja pressão tem vindo a agravar-se nestas zonas. Em consequência destes fatores, estima-se uma quebra de aproximadamente 20% na produção de feno. As pastagens encontram-se secas e amarelecidas, situação que este ano surgiu mais cedo do que é habitual. Os animais continuam a pastorear estas áreas, mas necessitam de suplementação alimentar com feno e rações. O verde na paisagem é atualmente visível apenas nas culturas de regadio.

Nas **zonas do interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estas culturas apresentam um bom estado vegetativo, principalmente as pastagens de sequeiro e as permanentes pobres. Não se recorre muito a forragens armazenadas e a suplementos alimentares. De momento os suplementos são particularmente utilizados na criação do efetivo de engorda. Continua o corte de palhas e fenos para armazenamento, prevendo-se um bom ano para as forragens.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, as temperaturas elevadas registadas ao longo da segunda quinzena do mês transato, assim como, a quase ausência de precipitação, provocaram a antecipação da maturação das espécies pratenses e forrageiras dando origem a pastagens com menor quantidade de massa forrageira e a forragens com menos grão e palhas curtas. Deste modo, os fenos viram também reduzida a sua produtividade em cerca de 50% relativamente ao ano anterior. Restam algumas pastagens essencialmente espontâneas, em vales mais frescos situados principalmente na Serra da Estrela, cujo crescimento das espécies ainda se mantém (figuras 3 e 4).



Fig. 3 - Campo com feno – Grichoso (Serra da Estrela).



Fig. 4 - Prado Permanente Espontâneo de Sequeiro – Videmonte (Serra da Estrela).

Por outro lado, as pratenses e as forrageiras de regadio, apresentam melhores acréscimos de matéria verde uma vez que beneficiaram da temperatura mais elevada e da humidade necessária ao seu bom desenvolvimento. A precipitação ocorrida em meados do mês de junho veio favorecer o crescimento das forrageiras de sequeiro, principalmente as milharadas e o sorgo forrageiros em ambas as zonas homogêneas. Este mês verificou-se uma utilização normal de alimentos conservados ou rações, relativamente ao mesmo período do ano transato. Nos animais com vocação produtiva de leite ou de engorda, continua-se a recorrer ao uso de rações e de outros alimentos conservados, nas quantidades habituais.

Na Campina e Campo Albicastrense, a produção das culturas forrageiras de outono/inverno e das pastagens foi inferior ao ano anterior pelas razões já apontadas em relatórios anteriores, ou seja, excesso de chuva no inverno seguido de uma primavera com chuva insuficiente para a produção normal de forragem. As milharadas, alimento verde muito importante para alimentar os efetivos pecuários em pastoreio durante o verão encontram-se em desenvolvimento. As figuras 5 e 6 dizem respeito a milharadas em diferentes estados de desenvolvimento. Alguns produtores, quer por falta de mão-de-obra, quer pelo aumento do custo dos fatores de produção não fizeram sementeiras de primavera/verão.



Fig. 5 - Milharada com 4 folhas desenvolvidas.



Fig. 6 - Milharada com 6 folhas desenvolvidas.

4-d – Estado vegetativo das culturas cerealíferas de sementeira Outono-Inverno.

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, as condições climáticas deste mês foram favoráveis ao bom desenvolvimento das culturas cerealíferas de sementeira outono-invernal, constituídas essencialmente por centeio, aveia e tritcale.

No Baixo Mondego, estão a decorrer as colheitas destas culturas, estando estas culturas na fase final do seu estado vegetativo. Prevê-se uma menor produtividade face ao ano passado.

No Pinhal Litoral, no mês de junho, as culturas cerealíferas de sementeira outono –inverno, encontravam-se maioritariamente nas fases de enchimento final do grão, maturação fisiológica e maturação de colheita, tendo sido iniciadas as primeiras operações de ceifa nas parcelas mais precoces. A evolução das culturas decorreu de forma globalmente favorável, beneficiando das condições meteorológicas registadas durante a primavera, que permitiram um adequado desenvolvimento vegetativo e reprodutivo. A diminuição da precipitação e o aumento das temperaturas aceleraram o processo de maturação e secagem das plantas, favorecendo a aproximação das condições ideais para a colheita. Apesar da redução da humidade do solo, não se observaram impactos significativos na produtividade, uma vez que a maioria das culturas já se encontrava numa fase avançada do ciclo vegetativo, com reduzidas necessidades hídricas. Na região, onde a área dedicada aos cereais de outono-inverno é relativamente limitada, o estado fitossanitário das searas manteve-se satisfatório, sem registo de incidência significativa de pragas ou doenças com impacto relevante na produção.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas cerealíferas de sementeira outono-inverno estão já colhidas, confirmando-se a previsão de uma diminuição da produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o estado vegetativo destas culturas evoluiu de forma satisfatória, apresentando boa germinação. Apesar de ter havido casos pontuais de atraso no crescimento, com a subida das temperaturas, o ciclo vegetativo acelerou e as culturas recuperaram o atraso. As culturas estão, na maioria, na fase de maturação completa do grão, com evolução para a secagem e, em alguns locais, com início de pré-colheita ou colheita, dependendo das variedades, apresentando espigas e ou grãos já formados e endurecidos e a palha apresenta cor amarela/castanha. A área semeada mantém-se idêntica à registada no ano anterior. Quanto à produtividade, prevê-se um ligeiro aumento, embora com variação entre os cereais, pela sua resistência às condições meteorológicas, contudo, a produtividade final poderá sofrer alterações, dependendo da evolução das condições meteorológicas durante as fases de maturação e colheita.

No Pinhal Sul, as culturas cerealíferas semeadas mais tardiamente conseguiram recuperar algum crescimento graças às chuvas ocorridas no mês passado. Apresentam atualmente um bom aspeto vegetativo e perspetivam-se produções satisfatórias. No entanto, encontram-se ainda atrasadas no seu ciclo vegetativo, mantendo-se o grão na fase de maturação pastosa.

Nas **zonas de interior**, quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, todas estas culturas apresentam para já um ótimo estado vegetativo, em todos os aspetos.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, estas culturas apresentam de um modo geral, um menor desenvolvimento e consequentemente apresentam palhas curtas e deficiente “granação” (baixo número de sementes por espiga e/ou espigas curtas) ou até morreram devido ao encharcamento, durante o inverno. A ceifa ainda não começou, mas prevê-se uma quebra na produtividade quer do centeio, aveia e tritcale, em ambas as zonas homogêneas.

Na Campina e Campo Albicastrense, a maturação dos cereais de outono/inverno está praticamente concluída pelo que as colheitas estão prestes a iniciar-se (figura 7). São esperadas baixas de produtividade dado que o excesso de chuva do inverno afetou o normal desenvolvimento das searas. No caso das culturas de sequeiro como faltou a chuva durante o desenvolvimento do grão a produção também foi afetada.



Fig. 7 - Centeio na fase final da maturação.

5-f – Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares, pomares de citrinos e olivais: estado vegetativo, floração e vingamento do fruto; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade.

- **Pomares de Castanheiros e outros frutos secos**

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os castanheiros encontram-se no estado fenológico Dm – aparecimento dos amentilhos androgínicos.

Nas **zonas do interior**, os pomares de aveleiras que já vão tendo expressão na Cova da Beira, apresentam bom desenvolvimento e uma produção normal, proporcional à sua idade.

- **Pomares de Citrinos**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, os citrinos encontram-se na fase de crescimento e desenvolvimento do fruto, aparentemente de bom calibre e qualidade.

No Pinhal Litoral, nos pomares de citrinos, verificou-se a conclusão da floração e o início do desenvolvimento dos frutos. O vingamento decorreu de forma regular, beneficiando das temperaturas amenas registadas

durante a primavera. O estado vegetativo das árvores foi considerado bom, apresentando copa equilibrada e adequada renovação vegetativa. As perspectivas de produção apontam para quantidades semelhantes às da campanha anterior, com potencial para obtenção de frutos de boa qualidade comercial.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, os citrinos apresentam reduzida representatividade, contudo, as explorações existentes apresentam, de um modo geral, um desenvolvimento vegetativo normal e um vingamento satisfatório dos frutos, não se prevendo alterações relevantes na produção face ao ano anterior.

No Pinhal Sul, a campanha do limão encontra-se na fase final. A produção deste ano ficou abaixo da registada no ano anterior, e foi também condicionada pelas perdas causadas pela tempestade Kristin. As estimativas apontam para uma quebra de produção na ordem dos 60%.

• Pomares de Kiwis e Abacate

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares de kiwi apresentam-se com bom vigor vegetativo para a época, idêntico ao ano anterior. A cultura do abacate está em plena expansão com uma área total de 68,4 ha, e com tendência a aumentar.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os kiwis encontram-se no estado fenológico M – frutos em crescimento. É notório um maior número de frutos por planta, relativamente ao ano passado, o que poderá levar a um aumento de produção.

• Pomares de Pequenos Frutos (mirtilo, ...)

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os pomares de mirtilos na zona de Sever de Vouga já se encontram na fase final da colheita. A qualidade e quantidade dos frutos é superior à da última campanha, devido à ocorrência de condições climáticas primaveris favoráveis (maior número de horas de frio que influenciou positivamente o vingamento), estimando-se produtividades de 7-8 ton/ha. Em alguns locais verificaram-se problemas de podridão-cinzenta.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os mirtilos encontram-se no estado fenológico K – maturação/colheita. O número de frutos por árvore é semelhante ao do ano passado.

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, os mirtilos encontram-se em fase final de produção. Prevêem-se produtividades superiores em cerca de 40%, relativamente ao ano anterior, com bons calibres, em ambas as zonas homogêneas (figura 8).

Fig. 8 - Plantação de Mirtilos – Aldeia Viçosa (Serra da Estrela).



- **Pomares de Pomóideas**

Nas **zonas do litoral**, no Pinhal Litoral, nas macieiras e pereiras, os frutos encontravam-se em fase de crescimento e desenvolvimento, apresentando calibres adequados para a época. O vingamento foi, de um modo geral, satisfatório antecipando-se produções normais a boas. Apesar da pressão fitossanitária, nas explorações em que foram efetuados tratamentos fitossanitários atempados, a qualidade potencial da produção mantém-se favorável.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, nas fruteiras, grande parte já se encontra em fase de produção/colheita, ainda que todas numa escala familiar nesta zona (pereiras).

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as macieiras encontram-se no estado fenológico J -fruto em desenvolvimento, sendo notório um menor número de frutos por árvores relativamente ao ano passado; as pereiras encontram-se no estado fenológico J - fruto em desenvolvimento. Quanto aos marmeleiros encontram-se no estado fenológico H - fruto vingado, o número de frutos por árvore é semelhante ao ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, nestes pomares, observou-se o crescimento e desenvolvimento inicial dos frutos, após floração, de um modo geral, bem-sucedida e com níveis de vingamento satisfatórios. Na produção, prevê-se que possa haver aumento face ao ano anterior, condicionado às condições meteorológicas das próximas semanas que serão decisivas (temperaturas moderadas e disponibilidade hídrica são fundamentais para o desenvolvimento do calibre e retenção dos frutos).

No Pinhal Sul, as pomóideas encontram-se no estado fenológico de “engrossamento do fruto”. As perspectivas são favoráveis, podendo este vir a ser um bom ano para estas culturas, desde que as condições meteorológicas continuem propícias ao seu desenvolvimento (figura 9).



Fig. 9 - Pomar de macieiras.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, as pomóideas apresentam um ótimo estado vegetativo, prevendo-se que seja um bom ano.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, nas pereiras, prevê-se uma quebra de produtividade de 20%, com uma produtividade normal da variedade *Rocha* e uma quebra de cerca de 25% nas variedades *Abate Fetel* e *Comice* na Cova da Beira. Nas macieiras, aguarda-se um ano com produtividades normais para as regiões e espécie.

Na Campina e Campo Albicastrense, para as pomóideas perspectiva-se uma produção superior ao ano anterior.

• Pomares de Prunóideas

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, grande parte já se encontra em fase de produção/colheita, ainda que todas numa escala familiar nesta zona (pessegueiros, ameixeiras, damasqueiros).

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os pessegueiros encontram-se no estado fenológico I – frutos em crescimento, sendo notório um menor número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. As ameixeiras encontram-se no estado fenológico J – frutos em maturação, sendo notório um menor número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado. As cerejeiras encontram-se colhidas e confirma-se um aumento da produtividade relativamente ao ano passado. As amendoeiras encontram-se no estado fenológico J – frutos em início de maturação, sendo notório um maior número de frutos por árvore, relativamente ao ano passado; no entanto, algumas árvores estão a morrer, atribuindo-se o facto a um vírus transmitido pela picada de um inseto.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, após floração, de um modo geral, bem-sucedida e com níveis de vingamento satisfatórios, observou-se o crescimento e desenvolvimento inicial dos frutos. Em relação à produção prevê-se um aumento face ao ano anterior, no entanto, as condições meteorológicas nas próximas semanas serão decisivas (temperaturas moderadas e disponibilidade hídrica são fundamentais para o desenvolvimento do calibre e retenção dos frutos).

No Pinhal Sul, as perspectivas apontavam para um ano excecional na produção de cereja. Contudo, as trovoadas que afetaram a zona de Oleiros provocaram quebras consideráveis em algumas áreas do Pinhal Sul. Apesar disso, a produção manteve-se acima da registada no ano anterior, ficando, porém, aquém das expectativas iniciais.

Nas **zonas do interior**, quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, os pessegueiros, nectarinas e ameixas, encontram-se na fase de desenvolvimento do fruto, e na fase de maturação e colheita nas variedades mais precoces, a sul da Gardunha na Cova da Beira e na parte sul da Serra da Estrela. Estima-se um incremento na produtividade de cerca de 150% nas nectarinas, de cerca de 50% nos pêssegos e de cerca de 35% nas ameixas.

O mesmo aconteceu com os alperces, com um aumento efetivo da produtividade de cerca de 150%, em referência ao ano anterior, na Cova da Beira, onde a cultura é expressiva. A cereja encontra-se no final da campanha. Tem decorrido bem, com a produção de frutos em grande quantidade, de bom calibre e boa qualidade, com produções superiores às obtidas num ano considerado normal. Conforme já referido no relatório anterior, estima-se terminar a campanha com produtividades, em termos gerais, muito superiores à campanha anterior.

Os pomares de amêndoa existentes principalmente na Cova da Beira, apresentam um bom aspeto vegetativo e bom desenvolvimento do fruto. Estima-se uma produtividade média acima da média do ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, a produção de nectarina e pêsego é boa e estima-se aumento relativamente ao ano anterior. A colheita já foi iniciada. As figuras 10, 11 e 12 dizem respeito às referidas prunóideas em diferentes estados de desenvolvimento.

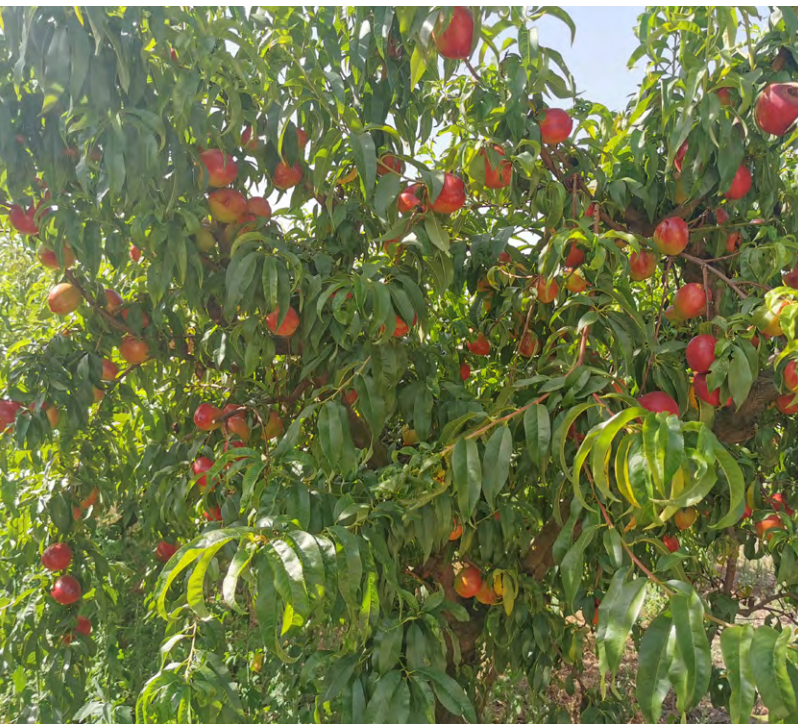


Fig. 10 - Nectarina em fase de maturação.



Fig. 11 - Pêssego em fase de maturação.

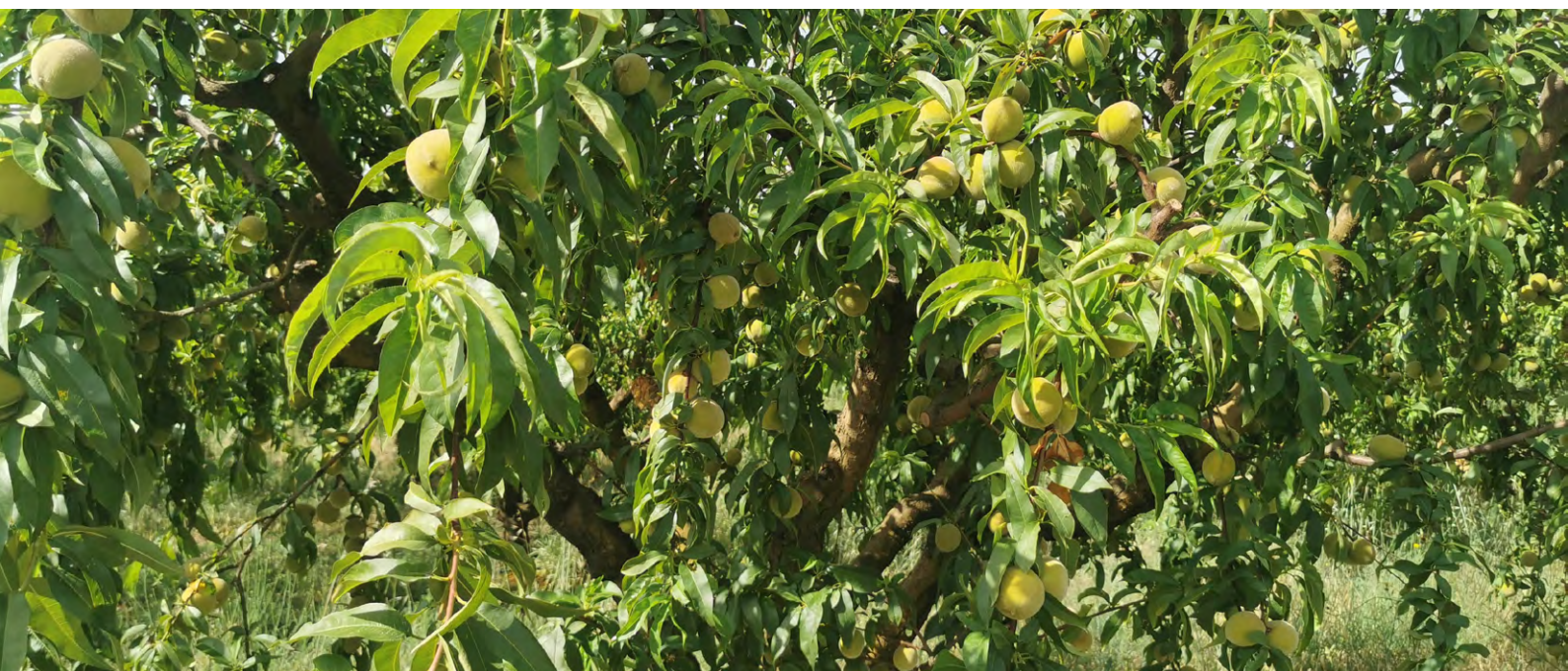


Fig. 12 - Variedade de pessegueiro mais tardia com frutos em desenvolvimento.

Na cereja estamos perante um ano normal de produção, a qual é substancialmente superior ao ano anterior. A colheita irá terminar entre o fim do presente mês e o início do próximo. A amêndoa (figura 13), está com uma produção muito boa, superior ao ano anterior, resultante do facto, por um lado, de serem plantações novas com aumentos graduais de produção até à plena produção, e por outro, devido às condições climáticas favoráveis, nomeadamente pouca chuva durante a floração e vingamento dos frutos.



Fig. 13 - Amêndoa em desenvolvimento.

• Olival

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, os olivais já se encontram na fase de floração. Já são visíveis pequenos frutos em solos com condições de humidade muito favoráveis, perspetivando-se um ano de boa produção em relação ao último ano.

No Baixo Mondego, as oliveiras encontram-se no estado fenológico queda das pétalas.

No Pinhal Litoral, as árvores encontravam-se na fase de crescimento dos frutos após uma floração e vingamento globalmente satisfatórios. As condições meteorológicas favoreceram o desenvolvimento vegetativo e a retenção dos frutos, observando-se uma carga produtiva considerada normal na maioria das explorações. As expectativas para a campanha mantêm-se positivas, prevendo-se níveis de produção e qualidade compatíveis com a média regional, dependendo da evolução das condições climáticas durante o verão.

Nas zonas de transição, no Pinhal, a cultura encontra-se no estado fisiológico de frutos em crescimento. Verificou-se uma queda fisiológica de fruto (habitual neste período) mais acentuada pelas condições

climatéricas do mês. Mantém-se a perspetiva de uma boa produção para esta campanha, ainda que inferior à do ano anterior, que foi de exceção.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os olivais encontram-se no estado fenológico H -lenhificação do caroço. Dadas as condições climatéricas favoráveis a um bom vingamento do fruto, verifica-se um aumento do número de frutos por árvore, prevendo-se um aumento de produtividade nos olivais tratados. Na região do Alto Mondego, além da grande área ardida em 2025 no concelho de Seia, observam-se muitas oliveiras sem poda ou tratamento fitossanitário nos concelhos de Fornos e de Gouveia, o que independentemente da frutificação, irá originar um decréscimo de produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o olival encontra-se predominantemente na fase de vingamento e desenvolvimento inicial do fruto com a formação e crescimento das azeitonas após a conclusão da floração, e dependendo da variedade. As condições meteorológicas registadas favoreceram, de um modo geral, o normal desenvolvimento da cultura, prevendo -se uma produção de azeitona ligeiramente superior à do ano anterior, assim como, uma boa qualidade do fruto, no entanto, a concretização destas expectativas está dependente da disponibilidade hídrica e das condições meteorológicas durante o período de crescimento e maturação.

No Pinhal Sul, a floração do olival decorreu em boas condições, perspetivando-se uma boa produção de azeitona. Atualmente, a cultura encontra-se no estado fenológico de “frutos em crescimento”.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, os olivais apresentam de momento um ótimo estado vegetativo, prevendo-se que seja um bom ano.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, tem-se verificado uma maior queda de frutos devido ao calor excessivo o que poderá vir a afetar a produtividade e a qualidade da azeitona.

Na Campina e Campo Albicastrense, o olival também apresenta boas perspetivas de produção e tem os frutos em desenvolvimento.

• Outros pomares

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura do medronho que tem 2 formas de exploração: através de plantações estromes ou então com base em medronheiros espontâneos que se encontram sobretudo num contexto florestal. Os primeiros, que beneficiam de rega e adubação, apresentam-se naturalmente com maior vigor. Em geral, verifica-se boa quantidade de fruto nas plantas, com bom calibre, atendendo à fase em que o ciclo cultural se encontra. Ao contrário de anteriores campanhas, a epiderme encontra-se perfeitamente sã.

Nas figueiras lampas, grande parte já se encontra em fase de produção/colheita, ainda que todas numa escala familiar

• Vinha

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, a floração na vinha teve um bom vingamento, no entanto, devido às condições climatéricas existentes, na mesma vinha existem plantas em estado vegetativo mais atrasado, o que pode vir a afetar o seu desenvolvimento e produção.

No Baixo Mondego, as videiras encontram-se no estado fenológico entre alimpa e grão de ervilha.

No Pinhal Litoral, as plantas encontram-se maioritariamente entre os estados fenológicos de bago de ervilha e fecho do cacho, observando-se um bom desenvolvimento vegetativo e um vingamento dos frutos considerado normal para a época. As condições de floração e vingamento decorreram de forma favorável, prevendo-se uma produção dentro dos valores médios da região, embora condicionada localmente pela incidência de algumas doenças criptogâmicas.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a cultura aproxima-se do fecho do cacho. Tem sido uma campanha exigente no combate fitossanitário, com focos de doenças (míldio, oídio, black-rot). De referir ainda que se aproxima a fase crítica em que a podridão-cinzenta se pode manifestar. Os viticultores vão realizando algumas operações, nomeadamente a desponta das vides e o desnetamento, sempre com razoabilidade, de modo a não deixar os cachos demasiado expostos ao escaldão. A quantidade de cachos traz otimismo aos viticultores, ainda que as questões fitossanitárias criem incerteza sobre quantidade e qualidade da produção.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a vinha encontra-se no estado fenológico K/L – bago de ervilha / cacho fechado, dadas as condições climatéricas verificadas aquando da alimpa ocorreu muito desavinho e consequentemente quebra da produtividade.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, as vinhas, encontravam-se maioritariamente em fase de desenvolvimento dos cachos, entre bago de chumbo e bago de ervilha, consoante a casta, embora condicionado pelo aumento das temperaturas e pela redução gradual da disponibilidade hídrica. Se as condições meteorológicas forem favoráveis durante o período de crescimento e maturação, prevê-se uma produção superior à do ano anterior.

No Pinhal Sul, a vinha encontra-se no estado fenológico de “grão de ervilha”, apresentando uma carga significativa de cachos. As perspetivas de produção são favoráveis, mas dependem da evolução das condições meteorológicas ao longo do ciclo vegetativo (figura 14).



Fig. 14 - Videira com cachos em desenvolvimento.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, as vinhas apresentam um ótimo estado vegetativo, prevendo-se que seja um bom ano.

Quer na Cova da Beira quer na Serra da Estrela, as vinhas apresentam um bom desenvolvimento dos cachos. No entanto, os ataques de míldio ocorridos até ao início de junho, trouxeram consequências graves em vinhas não tratadas ou onde os tratamentos efetuados não foram oportunos. Assim, prevê-se que poderá ocorrer uma diminuição da produtividade em cerca de 15%, face ao ano anterior, em ambas as zonas homogêneas.

Na Campina e Campo Albicastrense, as vinhas estão entre os estados fenológicos bago de ervilha e fecho dos cachos (figura 15). No geral as vinhas têm bons cachos em termos de quantidade e também de qualidade.



Fig. 15 - Vinha entre o bago de ervilha e o fecho dos cachos.

6-c – Sementeira de Primavera nomeadamente quanto às culturas de milho de regadio e feijão como decorreram, como germinaram: variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior, motivos da variação caso se tenha verificado. Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio, disponibilidade de água para rega.

• Arroz

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga e Pinhal Litoral a cultura do arroz apresenta boa germinação e bom desenvolvimento vegetativo, apesar da presença de infestantes. As áreas semeadas não variaram em relação ao ano anterior.

No Baixo Mondego, terminaram no início do mês, as sementeiras de arroz mais tardias, de apenas pequenas áreas que faltavam semear. As culturas de sementeira de primavera estão a desenvolver muito bem, nomeadamente as de regadio. A cultura do arroz apresenta-se com plantas bem desenvolvidas com crescimento uniforme, vigoroso, mas, também com a presença de infestantes. A área semeada registou uma pequena quebra face ao ano transato. Esta redução deve-se a áreas destinadas ao pousio com o intuito da recuperação do solo e controlo de infestantes, bem como à afetação de algumas parcelas ao cultivo de hortícolas e milho promovendo a rotação cultural.

• Batata

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Mondego, as culturas de sementeira de primavera estão a desenvolver muito bem, nomeadamente as de regadio. A batata de sequeiro já foi colhida, sendo as produções idênticas ao ano passado. A batata de regadio encontra-se bem desenvolvida, muito homogênea e cheia de floração. A área semeada prevê-se superior ao ano anterior.

Nas **zonas de transição**, tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, a batata de regadio, em início de colheita, indica um maior número de tubérculos por planta e com maior calibre que o ano passado, no entanto, aparecem na colheita batatas já podres, pelo se prevê uma manutenção ou uma diminuição da produtividade, mas apenas se conseguirá uma avaliação efetiva no final do próximo mês.

No Pinhal Sul, a batata de regadio (figura 16), por ter sido semeada mais tardiamente, apresenta um atraso no seu desenvolvimento. No entanto, revela um bom aspeto vegetativo, perspetivando-se uma boa produção.



Fig. 16 - Batata de regadio.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, a colheita da batata de sequeiro está quase concluída, a produção é boa, superior ao ano anterior em certos casos. A batata de regadio está em desenvolvimento com bom estado vegetativo.

Na Serra da Estrela e da Cova da Beira, a batata apresenta bom desenvolvimento vegetativo (figura 17), estimando-se o seu arranque durante o mês de julho.



Fig. 17 – Campo de batata para indústria e consumo, Celorico da Beira (Serra da Estrela).

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as sementeiras de primavera atrasaram-se um pouco às condições climáticas, tendo depois recuperado. Prevê-se que a área semeada seja idêntica ao ano anterior. As culturas, apresentam para já, um bom estado vegetativo.

- **Feijão, grão-de-bico, outras**

Nas **zonas do litoral**, no Baixo Vouga, não houve alteração de área semeada de feijão em relação ao ano transato, apresentando-se com um bom e uniforme desenvolvimento vegetativo e prevendo-se uma produção semelhante à campanha anterior.

No Baixo Mondego, as culturas de sementeira de primavera estão a desenvolver muito bem, nomeadamente as de regadio. A cultura do feijão não correu tão bem como o esperado, a semente fornecida não desenvolveu e muito feijão não nasceu, prevê-se pouca produção. A fase de desenvolvimento vegetativo do feijão encontra-se na terceira folha trifoliolada. As áreas semeadas são idênticas ao ano passado.

No Pinhal Litoral, durante o mês de junho, a instalação das culturas de primavera decorreu em condições globalmente favoráveis. A sementeira do feijão apresenta uma boa implantação, com uma emergência uniforme e um desenvolvimento vegetativo compatível com a época. Apesar de algumas necessidades pontuais de rega nas fases iniciais do ciclo, as condições verificadas permitiram uma instalação adequada da cultura, mantendo-se boas perspectivas para a sua evolução. No caso do feijão, a área semeada permaneceu reduzida, mantendo a tendência observada nos últimos anos, devido à menor rentabilidade económica da cultura e à preferência dos produtores por outras culturas de primavera-verão.

Nas **zonas de transição**, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o feijão germinou bem, mas, além de denotar menos floração que o normal, há igualmente um menor número de flores vingadas, pelo que se espera uma baixa de produtividade.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, a cultura do feijão mantém uma representatividade reduzida, verificando-se áreas idênticas de sementeira relativamente ao ano anterior. A sementeira do feijão é praticada essencialmente por agricultores de idade avançada, para autoconsumo e venda local ou ainda fazendo parte de rotação com outras culturas em pequenas parcelas. O feijão encontra-se maioritariamente na fase fenológica de desenvolvimento vegetativo ativo, embora em alguns locais ainda esteja em emergência, dado as sementeiras terem sido realizadas mais tarde devido às condições climáticas. Apesar do encharcamento em determinadas zonas ter originado limitações não só na germinação como no desenvolvimento, as condições meteorológicas do mês, em geral, foram favoráveis à cultura. Quanto à produção e ou produtividade, ainda é cedo para ser feita uma previsão, dado que depende da temperatura e disponibilidade de água nos próximos meses.

No Pinhal Sul, o feijão-frade já foi semeado e encontra-se no início da germinação. As áreas semeadas são semelhantes às do ano anterior.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, o grão-de-bico apresenta fraco desenvolvimento o que irá comprometer a produtividade. No feijão frade as sementeiras ainda não terminaram. Nas sementeiras concluídas a germinação decorreu bem e as culturas com ciclo vegetativo mais adiantado apresentam bom desenvolvimento da parte aérea (figura 18).



Fig. 18 - Feijão frade em desenvolvimento.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, as sementeiras de feijão (essencialmente feijão frade), está terminada na Cova da Beira e quase terminada na Serra da Estrela. É uma cultura que, quando efetuada em sequeiro, requer uma preparação atempada do terreno com várias mobilizações (abafamentos) para manter a humidade e favorecer a germinação e desenvolvimento da cultura. A pluviosidade ocorrida beneficiou a cultura.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as sementeiras de primavera decorreram um pouco atrasadas devido ao tempo verificado, tendo depois recuperado, prevendo -se que a área semeada seja idêntica ao ano anterior. As culturas, apresentam para já, um bom estado vegetativo.

• Milho

Nas zonas do litoral, no Baixo Vouga, na cultura do milho a área semeada manteve-se, comparativamente com o ano transato. Apresenta um desenvolvimento vegetativo bom e uniforme prevendo-se uma produção semelhante à da campanha anterior.

No Baixo Mondego, terminaram no início do mês, as sementeiras de milho mais tardias (correspondentes a pequenas áreas que faltava semear). As culturas de sementeira de primavera estão a desenvolver-se muito bem, nomeadamente as de regadio. As primeiras sementeiras desenvolveram-se com muitas infestantes, devido às chuvas registadas aquando da sementeira, pelo que se antecipa a possibilidade de menor produção. As restantes sementeiras começaram a sofrer com o calor no início do mês, tendo-se recorrido à rega, de forma a mitigar possíveis efeitos na produção. Esta cultura encontra-se na fase de floração/polinização. A área semeada é um pouco superior em relação à do ano passado.

No Pinhal Litoral, durante o mês de junho, a instalação das culturas de primavera decorreu em condições globalmente favoráveis. As sementeiras de milho de regadio encontravam-se praticamente concluídas, tendo beneficiado das temperaturas registadas durante o mês e da disponibilidade de água para rega, fatores que proporcionaram uma germinação rápida e uniforme. As searas apresentavam um bom estado vegetativo, com desenvolvimento regular e povoamentos homogêneos, não se observando falhas significativas de emergência nem problemas generalizados de instalação. A área ocupada pelo milho de regadio manteve-se estável, refletindo a continuidade desta cultura nas explorações com acesso a regadio e a disponibilidade de recursos hídricos. As culturas arvenses de regadio apresentavam um estado vegetativo globalmente bom, beneficiando da água de rega e de temperaturas favoráveis ao crescimento. Pelo contrário, nas culturas de sequeiro, o aumento das temperaturas e a ausência de precipitação significativa durante o mês provocaram uma redução da humidade do solo, acelerando a maturação das culturas e limitando o desenvolvimento das que ainda se encontravam em fase vegetativa.

Nas zonas de transição, quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, o milho germinou bem e cresce sem problemas.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, o milho encontra-se, maioritariamente, em fase de desenvolvimento vegetativo ativo, embora nos locais onde as sementeiras foram mais tardias, a fase seja de emergência e desenvolvimento vegetativo inicial. Em geral, apresenta uma germinação e emergência normal, beneficiando das condições de humidade do solo existentes aquando da sementeira. As áreas semeadas, mantiveram-se semelhantes face ao ano anterior. Em relação à produção, inicialmente previa-se um aumento face ao ano anterior, porém, as temperaturas altas e a disponibilidade de água, poderão aconselhar uma revisão em baixa.

No Pinhal Sul, a cultura do milho está com bom desenvolvimento (figura 19).



Fig. 19 - Milho grão.

Nas zonas do interior, na Campina e Campo Albicastrense, a área de milho, sobretudo o híbrido está a decrescer na zona homogénea devido aos elevados custos de produção e ao baixo preço pago ao produtor. Por essa razão, possivelmente algumas áreas serão desviadas para silagem. Em muitos casos o milho produzido tem como finalidade a auto utilização na exploração, ou seja, destina-se à sementeira das milharadas no ano seguinte para alimentar os efetivos pecuários.



Fig. 20 - Milho regadio.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, pluviosidade ocorrida no mês anterior veio permitir uma melhor preparação dos terrenos destinados às sementeiras de primavera que se encontravam secos. Por outro lado, a precipitação ocorrida em meados de junho, permitiu disponibilizar água às culturas já germinadas e às que, entretanto, foram instaladas. De uma forma geral, as sementeiras das culturas forrageiras, assim como do milho para grão (figura 21), decorreram bem, apresentando um bom desenvolvimento.



Fig. 21 – Milho híbrido regadio – Celorico da Beira (Serra da Estrela).

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, as sementeiras de Primavera tinham decorrido um pouco atrasadas devido ao tempo verificado, tendo depois recuperado, prevendo -se que a área semeada seja idêntica ao ano anterior. As culturas, apresentam para já, um bom estado vegetativo.

- **Disponibilidade de água**

De um modo geral, nas três zonas (litoral, transição e interior) há total disponibilidade de água para rega, quer seja nos aquíferos particulares quer nos regadios coletivos e captações fluviais e superficiais, sustentando a perspetiva de uma campanha agrícola dentro da normalidade.

ANEXO I

Zonas Homogêneas		Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitaç	Temperaturas Médias (°C)		
				01 a 30/06	01 a 30/06	Máx.	Min.	Média
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Agueda	Agueira	0,2	2	27,5	13,4	20,9
		Anadia	Arcos	18,6	4	27,6	15,1	20,5
	Baixo Mondego		Pedralvites	-	-	-	-	-
		Cantanhede	Poço Lobo	11,4	7	26,2	14,0	19,3
		Soure	Moinho de Almoxarife	8,4	4	25,9	16,6	20,5
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	9,2	2	28,6	16,5	21,5
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	-	-	-	-	-
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	11,4	3	27,6	15,9	21,0
	Pinhal Litoral	Batalha	Branças	10,8	5	27,0	14,4	20,1
		Leiria	Azóia	8,8	6	25,3	15,1	19,3
		Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-
			Alcaria	11,8	4	28,5	14,3	20,2
		Pombal	Abiul	7,0	3	29,6	14,6	20,7
	Leiria	Regueira de Pontes	4,8	3	26,2	14,5	19,8	
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	-	-	-	-	-
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
		Ansião	Freixo	5,8	6	29,3	14,3	20,5
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	-	-	-	-	-
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	4,8	4	30,9	13,8	21,5
	Baixo Dão-	Tondela	Quinta das Tílias	11,6	3	31,9	15,0	22,3
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	16,4	4	32,1	13,6	22,2
		Sertã	Cernache	5,4	2	29,6	13,6	21,4
	Pinhal Sul	Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	7,4	4	33,5	16,3	24,7
		Oleiros	Oleiros	1,2	3	29,7	14,4	21,8
ZONAS DO INTERIOR	Riba Cõa	Mêda	Longroiva	3,4	3	33,8	15,1	24,5
		Pinhel	Pinhel	44,0	3	31,9	11,7	22,0
		Trancoso	Trancoso	52,2	6	29,0	13,5	20,7
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	10,2	6	30,8	11,8	21,2
		Guarda	Relvas	16,4	4	32,0	13,1	22,4
	Cimo Cõa	Sabugal	Martim Rei	16,6	4	28,7	11,5	20,0
		Almeida	Almeida	74,4	2	29,4	13,9	21,8
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	15,8	4	32,0	13,0	22,6
		Covilhã	Lamaçais	9,0	4	33,3	13,4	23,2
		Fundão	Brejo	29,6	5	32,5	15,0	23,7
			Alcongosta	6,0	5	30,4	16,0	22,8
			Fadagosa	6,8	3	33,2	16,6	24,8
	Campina e Campo	Idanha-a-Nova	Várzea	14,8	3	35,7	15,6	26,0
		Penamacor	Assoc. B. Cova Beira	2,0	3	31,9	14,2	23,1

Fonte: DMRAP - REGA - DMRAP

*ARQVEM

** < 0,001 < 0,001

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS																
26 / 06 / 2026																
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total					Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias			
						Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Varição (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armazen. - hm3	%	Descarregador de Cheias	Descarga de fundo	Caudal ecológico	
Anadia	Porção	104,00	0,102	0,004	0,098	103,85	0,102	0,102	0,000	↓	99,6%	0,098	99,6%	não	não	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,51	0,134	0,134	0,000	↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	não	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	684,68	2,118	2,131	-0,013	↓	96,3%	2,068	96,3%	não	não	não
Mortágua	Macieira	143,60	0,946	0,026	0,920	143,40	0,926	0,936	-0,010	↓	97,9%	0,900	97,9%	não	não	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	480,55	0,073	0,079	-0,006	↓	60,8%	0,069	60,8%	não	não	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	576,94	4,829	4,842	-0,013	↓	99,2%	4,646	99,2%	não	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	801,01	0,854	0,854	0,000	↔	100,0%	0,650	100,0%	sim	não	não
Vila Velha de Ródão	Acafa	112,60	1,746	0,000	1,746	111,88	1,616	1,645	-0,029	↓	92,6%	1,616	92,6%	não	não	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	129,70	3,353	3,463	-0,110	↓	86,2%	2,762	86,2%	não	não	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	546,85	0,564	0,565	-0,001	↓	95,8%	0,531	95,8%	não	não	n.a.
			15,449	1,095	14,354	14,569		14,750			92,8%	13,474	94,3%			
OBSERVAÇÕES/OUTROS:																
n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.																
Fonte: CCDRC/DIGRH																



WWW.CCDRC.PT

